



Assine 0800 703 3000 SAC

Bate-papo

E-mail

Notícias

Esporte

Entretenimento

Mulher

Shopping



BUSCAR

# CULT

Google™ Pesquisa Personalizada

 na Cult  na Web

CONECTE-SE

▶ Esqueci minha senha



LOGIN

SENHA

ENTRAR

MATÉRIAS

EDIÇÕES

COLUNAS

CONGRESSO CULT

ESPAÇO CULT

LOJA CULT

Home > Exclusivo do Site > “Falta espiritualidade na terapia”, diz Hagai Levi

## “Falta espiritualidade na terapia”, diz Hagai Levi

O criador da série que deu origem à “Sessão de Terapia” fala sobre seus novos projetos para a TV e critica a psicanálise

TAGS: In Treatment, psicologia, Sessão de Terapia, Terapia



Hagai Levi, criador da série israelense BeTipul

HELDER FERREIRA

Uma mulher, de 35 anos, com problemas de relacionamento alimenta uma paixão obsessiva por seu psicoterapeuta; um militar provoca a morte de várias crianças e entra em crise; uma ginasta de 15 anos mantém um relacionamento com seu treinador, casado e 30 anos mais velho; um casal discute a possibilidade de um aborto, após passar cinco anos se submetendo a tratamentos de fertilidade. Todos eles se consultam com o mesmo analista, que, por sua vez, também busca orientação para lidar com os problemas de seus pacientes e resolver os seus os seus próprios.

Assim é o enredo da premiada série israelense *BeTipul* (“tratamento”, em tradução livre), que já foi adaptada para mais de 30 países, e, recentemente, teve sua versão brasileira – *Sessão de Terapia* – lançada pelo canal de TV por assinatura GNT.

Criada e dirigida por Hagai Levi, a série, ambientada em um consultório de terapia, fez sucesso em todo o mundo após ser adaptada pela HBO norte-americana em 2008. Diferente das outras produções do canal, conhecidas por suas temporadas curtas e de episódios semanais, *In Treatment* (como foi intitulada) exibiu seus capítulos de segunda a sexta, sendo cada dia da semana ocupado por um paciente – emulando a rotina vivida por um analista.

A versão brasileira, dirigida por Selton Mello, é protagonizada pelo ator Zécarlos Machado, no papel do analista Theo Cecatto. Também estrelam Maria Fernanda Cândido, Sérgio Guizé, Bianca Müller, André Frateschi, Mariana Lima, como pacientes; Selma Egrei, como analista sênior orientadora; e Maria Luisa Mendonça, como a esposa de Theo.



EDIÇÃO 173



ASSINE OU COMPRE



ANUNCIE



NEWSLETTER

&gt; EDIÇÕES ANTERIORES



Assine a **CULT** Assine a CULT por um ano e ganhe 3 meses a mais! Receba 15 edições em casa pelo preço de 12!

&gt; AS 5

**Anunciado no Facebook, tênis da Adidas é considerado “racista”:** Com correntes de borracha, calçado teve a venda suspen...  
80 comentário(s) | 41108 visualizações

**O crime de Lady Gaga:** Marcia Tiburi analisa o pós-feminismo pop de Lady Gaga...  
173 comentário(s) | 33717 visualizações

**Livro erótico lidera venda de e-books nos EUA:** Trilogia, que vendeu mais de 250 mil exemplares digitais...  
2 comentário(s) | 28125 visualizações

**Mostra traz fotos de Lévi-Strauss sobre o Brasil:** São cerca de 3.000 fotografias de tribos indígenas...  
11 comentário(s) | 24004 visualizações

**China censura cenas de “Titanic”:** Cortes no filme de James Cameron causam protesto...  
4 comentário(s) | 19809 visualizações

**O crime de Lady Gaga** - 173 comentário(s)

**“Não serei simonizado”** - 122 comentário(s)

Abaixo, você lê a entrevista que Hagai Levi concedeu à CULT. Ele fala sobre o processo de criação da série e seus novos projetos, comenta as diferenças entre suas diversas versões e também critica a psicanálise.

Selton Mello assina a direção da versão brasileira da série - Sessão de Terapia, exibida pelo GNT

### CULT – Por que retratar o cotidiano de um terapeuta?

**Hagai Levi** – Eu fiz terapia durante uma boa parte da minha vida e sempre me incomodei com a forma como ela era retratada pela televisão. Como paciente, eu sempre tive um monte de questões sobre a prática do tratamento psicológico e eu queria mostrar essas perguntas na série, do tipo: a terapia funciona? Queria também mostrar os bastidores de tudo isso; mostrar o terapeuta como pessoa.

Além disto, também estudei psicologia antes de me decidir por seguir carreira no audiovisual. Foi minha primeira formação.

### O que você quis privilegiar na composição dos personagens?

Para mim foi importante escolher personagens que, de algum modo, representassem arquétipos dos problemas mais comuns entre as pessoas que procuram a terapia. Não retratamos casos especiais ou particularmente interessantes, mas universais – como o processo de deixar de ser menina para virar mulher, vivido pela ginasta.

### Como isto foi feito?

Trabalhamos bem próximos a psicólogos e psiquiatras do mundo inteiro. Para mim, era muito importante que a série fosse o mais perto possível da realidade.

### Há versões da série em diversos países. Vê muitas diferenças entre elas?

O roteiro das versões é praticamente o mesmo em todas, já que os personagens apresentam problemas universais. Só alguns elementos costumam mudar, para dar maior verossimilhança à realidade do país onde a história se passa. Um personagem que sempre muda é o paciente de terça-feira: na versão original, ele era um piloto das forças aéreas israelenses lutando no conflito da Faixa de Gaza; nos EUA, ele também era um piloto, mas em serviço no Iraque; no Brasil, ele é um policial. Tive várias conversas com Selton Mello sobre qual seria a história desse personagem no Brasil.

Zécarlos Machado protagoniza a série; ele interpreta o Dr Theo Cecatto

**E quanto às diferenças culturais de país para país? Na versão original, os personagens moram em Israel, um país do Oriente**

### Médio; em *In Treatment*, eles vivem nos Estados Unidos. Como isso altera o enredo da série?

A versão original trata mais das barreiras entre as pessoas, é mais sobre limites. Acho que, talvez, por termos problemas com limites territoriais aqui, isso acaba se refletindo nas relações interpessoais dos habitantes. A personagem de segunda-feira, por exemplo, quer ultrapassar esses limites; ela não os aceita, por isso quer um relacionamento com seu terapeuta.

Já na versão norte-americana, o caso da personagem acaba mais parecido com uma história de amor platônico.

### BeTipul teve duas temporadas e *In Treatment*, três. Você tem planos de continuar a série?

Não, não. Sem mais temporadas aqui (Israel) ou nos Estados Unidos, acho que já foi o suficiente.

Criei a série há quase oito anos e, hoje, estou em um lugar completamente diferente, criativamente falando. Além disso, as temporadas são muito longas e o roteiro é muito difícil de escrever, porque é totalmente baseado em diálogo contínuo. É realmente estafante.

Nos Estados Unidos, acabei produzindo uma temporada a mais, mas a fizemos coletivamente. E foi ótima, talvez, a melhor.

### Está trabalhando em novos projetos?

Sim. Aqui, em Israel, estou trabalhando em uma série sobre artistas que viveram em Israel durante os anos 1970 – ela trata do que é ser um artista, de pessoas que não tinha barreiras; nos EUA, filmarei no ano que vem o episódio piloto de uma série sobre adultério.

### Você acha que, hoje em dia, a terapia, que é baseada no diálogo, está sendo deixada de lado devido à crescente popularidade de remédios antidepressivos e afins?

Não acho que o mundo esteja deixando a terapia, mas, sim, as drogas ficaram muito populares nos últimos anos. Até dez anos atrás, não havia tanta gente tomando remédio, mas não acho isso ruim. Eu acredito em remédios, acredito que ajudam muitas pessoas. Se eu fosse fazer a série hoje, certamente, daria maior ênfase às drogas, porque é o que está acontecendo atualmente.

Por outro lado, também destacaria elementos espirituais, de orientação espiritual mesmo. Acho que isso é algo que falta na terapia. Ela não se ocupa das “grandes questões” para as quais a religião traz respostas – como o sentido da vida, o porquê de vivermos aqui e para onde estamos indo.

### Mas isto seria difícil de retratar em *BeTipul*, não? Psicólogos não podem envolver religião no tratamento de seus pacientes, certo?

Certo, mas isso não significa que questões morais não possam fazer parte da discussão. Acredito que a terapia deva lidar com esses problemas e deixar de apenas ignorá-los para falar da infância do paciente. Às vezes, as pessoas estão deprimidas por causa disso. É mais importante achar o sentido da vida do que falar da infância.

**Anunciado no Facebook, tênis da Adidas é considerado “racista”** - 80 comentário(s)

**A nova moral do funk** - 79 comentário(s)

**Ainda é preciso ler Freud?** - 59 comentário(s)

173. Edições  
173

#### Exclusivo do Site Literatura e coquetéis

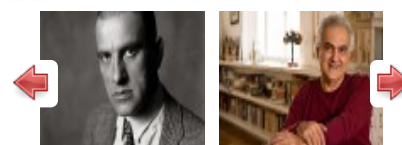
Site sugere bebidas que combinam com Fitzgerald, Nabokov e Faulkner

Exclusivo do Site  
**Retrospectiva John Carpenter em SP**  
Mostra traz 14 filmes do cineasta americano

Exclusivo do Site  
**A democracia segundo Saddam Hussein**  
Livro de artista americano traz textos escritos por ex-presidente iraquiano

Exclusivo do Site  
**“Falta espiritualidade na terapia”, diz Hagai Levi**  
O criador da série que deu origem à “Sessão de Terapia” fala sobre seus...

### > ESPAÇO CULT



Inédito de Maiaakowski é lançado no Espaço CULT

Milton Hatoum no Espaço CULT

### > CULT SOCIAL

TWITTER

ORKUT

YOUTUBE

FACEBOOK

### > TAGS

**índice** 3º Congresso Internacional de

Jornalismo Cultural **arte** artes plásticas

**Artigo** biografia ciências humanas

**cinema** congresso crítica cult cultura

documentário **dossiê** Ensaio

**Entrevista** exposição festival filme

filmes **filosofia** fotografia fotografias

França história hq II Congresso de

Jornalismo Cultural jornalismo

lançamento **Literatura** livro

**Livros** música Marcia Tiburi **mostra**

Pintura Poesia política psicanálise

quadrinhos Reportagem resenha São Paulo

Sociologia **Teatro**



Comente



Compartilhar



Imprimir